

O estado actual do exercito

No obscurantismo, em que vamos consumindo a existencia, como meros observadores das desventuras da vida nacional, veio, recentemente, surprehender-nos uma circular que, annunciando a breve aparição da «*Portugalia*—Revista de cultura, tradição e renovação nacional», para essa empresa solicitava a nossa collaboração.

Tão convictamente nos consideramos inhabeis obreiros, para participar, ainda que entre os infimos, em emprehendimento, tão alevantado como o descripto, que, attribuindo á circular recebida o unico significado, que lhe supozemos possivel—o de uma imerecida gentileza do seu signatario — apenas nos propuzemos agradece-la, verbalmente, para isso procurando ensejo propicio.

Ao deparar-se-nos e, quando do grato dever constituido imaginavamos facil a desobriga, por algumas palavras de cortezia, nova e mais penhorante empresa nos estava rezervada.

Informados, com maior minucia, do programma traçado para a *Portugalia*, nos seus primeiros numeros, viemos ao conhecimento de que, á nossa humilde penna, se pensára confiar o encargo de definir, em globo, o estado actual do exercito, como preambulo, justamente tido por indispensavel, para bem julgar-se das suas condições de receptividade para a vasta transformação que n'elle terá de operar-se, a querer-se erguel-o, do que é, ao que precisará ser, para constituir, mesmo em acanhados moldes, um valor militar, tal como, no seculo que decorre, tidos em conta os ensinamentos da guerra ultima, e á face das necessidades que ela creou, um valor de semelhante especie se define.

Insistentemente diligenciámos a escusa de tão ingrata e es-

pinhosa missão; ingrata, porque das Instituições militares portuguesas não pode hoje, infelizmente, falar-se com louvor; espinhosa, porque sendo a política, desde as suas altas concepções, até aos seus actos mais mesquinhos, a principal — senão unica — culpada do facto, impossivel se torna, versar semelhante materia, n'este logar, sem que a *Portugalia*, embora injustamente, venha a ser recriminada por, a breve trecho, de algum modo, trahir as normas, com muito acerto, delineadas para a sua colaboração.

Baldados tivemos, porem, de reconhecer que seriam os nossos esforços; só transpondo os confins do desprimor — que sempre temos por vedados — lograríamos exito para a recusa a uma solicitação, mantida, ainda mesmo depois de não restarem duvidas de que só por forma imperfeitissima, poderíamos satisfazel-a.

Oxalá os que, mesmo com esta advertencia se decidam a lêr-nos, a não esqueçam no decorrer das considerações, a que vamos dar inicio; só assim ellas poderão ser acolhidas sem censura, porque, decididos a sermos escrupulosamente sinceros, se isso obriga a só escrever com verdade, não menos força a que, embora duras, todas as verdades se digam.

* * *

Sob dois aspectos principaes podem ser apreciadas as Instituições militares de um Estado: o moral e o material, sendo o primeiro — quanto a nós — o que mais importa, quando se cuide de fazer juizo acerca da sua perfeição, ou dos seus defeitos.

Só aquelle é, por outro lado, susceptivel de analysar-se, com a amplitude que se apeteça, por isso que as conclusões em que a apreciação se cifre assentam em factos ao alcance de todos, ao passo que as deducções redundantes da abundancia ou escassez de recursos materiaes, a querer-se entrar em minudencias, requerem informações, que só raros possuem, e esses, em circumstancias de ser-lhes defezo o divulgá-las.

Com bem differente largueza nos vamos, pois, occupar das duas características do problema em foco. Não muitas palavras consa-

graremos a documentar que desceu para as cercanias de um zero a cota — aliás nunca alta — em nossos dias representativa do valor *material* do exercito português; mais de espaço faremos a prova de que, *moralmente*, se, em absoluto, tambem muito estamos depreciados, no confronto com epoca não longinqua, decahimos de uma forma bem mais tristemente accentuada.

* * *

Em muitos pontos accrescido nos seus desacertos, em poucos corrigido nos seus erros, tendo perdido, por successivos enxertos e mutilações, o tom harmonico, que se intentaria imprimir-lhe, o Decreto de 25 de maio de 1911 é, ainda hoje, o estatuto fundamental das nossas Instituições militares.

Poderia este diploma haver sido inofensivo, ou até util—ao menos sob o ponto de vista material—se, reduzido o numero de unidades, que, do anterior, vinham arrastando uma vida precaria, melhor aproveitamento fosse dado, de futuro, aos nossos minguidos recursos; o contrario foi, porém, o que succedeu.

Prova-do, desde a organização de 1884, que seria ousado pensar na existencia, desde o tempo de paz, de mais de quatro divisões militares; não tendo logrado exito uma tentativa de eleva-las a seis, porque nunca chegaram a verificar-se as circunstancias financeiras, a que se condicionou a completa execução desse plano, em 1911, invertendo-se os termos do problema da defeza nacional, e como se, para determinar o numero das grandes unidades constitutivas do exercito, bastasse consultar o censo da população, fixou-se esse quantitativo em oito, supondo-se, ao que parece, que tudo o preciso para tornal-as uma realidade brotaria das campanudas afirmações e das descabidas objurgatorias, com que, lamentavelmente, se polvilhou o relatorio expositivo, mas não justificativo, da actual organização do exercito.

Assim, o que, escassamente, possuiam as antigas seis divisões, em pouco augmentado, em muito reduzido ou inutilizado pela guerra, de modo não insignificante destruido ou extraviado nas epochas

revolucionarias, tudo mais ou menos incapacitado pelo uso, a que, por falta de verbas, se não tem contraposto um cuidado renovo, eis o que forma a actual dotação do nosso exercito, de onde resulta a nota de miseria que o caracteriza, e de que, por não serem segredo para ninguém, podemos poupar-nos ao desprazer de citar exemplos varios.

Por ser, como nenhum outro, typico, bem revelando quanto essa pobreza se vem intensificando, aludiremos, apenas, ao expediente, este anno pela primeira vez ordenado, sem reservas, *porque seria impossivel encobril-o*, de não se constituirem as escolas de recrutas em todas as unidades, mas por nucleos de instrucção, visto que só concentrando os solípedes e material de varios corpos se tornaria possivel alcançar o que — mesmo para restrictos effeitos de instrucção — mal se comprehende que não exista em cada um d'elles.

De quanto terá sido penoso lançar mão de semelhante processo, julgar-se-ha sabendo que, como sua consequencia, teem de estar, durante metade do anno, de todo apeados, isto é, em condições menos do que esqueleticas, corpos de cavalaria que, pela séde dos seus quartéis, e missão que especialmente pode incumbir-lhes, deveriam — como em toda a parte succede — encontrarem-se permanentemente em circumstancias de, com rapidez, transitarem para o pé de guerra.

Passemos, sob esta dolorosa impressão, a abordar a segunda parte do nosso objectivo.

* * *

Como critica aos antigos moldes das nossas Instituições Militares, e sugeridas, talvez, pela tenebrosa recordação das causas que trahiam o lemma da egualdade, na sua applicação ao pagamento do tributo de sangue, escreveram-se, no relatorio da organização de 1911, as seguintes palavras:

«As largas portas dos quartéis teem hoje de abrir-se, para por ellas entrarem todas as energias necessarias á defeza da Patria».

Eram os favores cometidos nas operações do recenseamento, as iniquidades praticadas pelas juntas de inspecção, a falta ou deficiência de ensino de uma parte dos contingentes, e, principalmente, a immoralidade das remissões, o que escandalisava os apóstolos do principio da *nação armada*, que, por isso, breve se increveu entre as conquistas da nossa legislação militar.

Vejamos como semelhantes defeitos se tem corrigido.

Nos ultimos relatorios *publicados pelo Ministerio da Guerra*, acerca dos serviços de recrutamento, nos annos de 1920-1921 diz-se, textualmente: que a *incuria* das commissões de recenseamento, trabalhando, por via de regra, sem consciencia da sua responsabilidade *moral*, cresce de anno para anno; e, quanto ao proceder das juntas de saude, afirma-se: que as percentagens dos apurados patenteiam um decrescimo, tão avultado, que em *nome da moralidade*, urge tomar providencias sobre o facto.

Sendo onerosissima, sob o ponto de vista financeiro, a passagem de todo o contingente pelas fileiras, o processo de que se tem lançado mão, para obtemperar a dispendios incompatíveis com o empobrecimento da situação do thesouro, tem consistido em reduzir, *para todo o contingente*, o periodo das escolas de recrutas, a um tão escasso numero de semanas, que, dentro em pouco, teremos, *nominalmente*, a nação armada, mas, *efectivamente*, um exercito de *aprendizes de soldados milicianos*.

A faculdade das remissões — a que não pretendemos negar ni-convenientes, mas que, ao menos, tinha a vantagem de consentir melhoramentos materiaes para o exercito — acha-se, hoje, substituida pela, muitissimo mais immoral, permissão da troca entre os mancebos, sorteados para o quadro permanente, a favor do que se estabeleceu um torpe negocio, com todos os requintes da exploração e da ganancia, estando já a pagar-se por 6.000\$000, *de que o Estado nada colhe*, menos do que o que outr'ora custava 100\$000, *que só ao Estado aproveitavam*.

Excusado será dizer que, assim, os quadros permanentes das unidades, se formam com a escoria do que entrou nas fileiras.

Mais que sufficientes seriam os factos expostos, mas a elles se não resumem, os que explicam o abatimento das nossas Instituições Militares, quando a observação recaia sobre os seus elementos não graduados.

Duramente se fazia sentir, outr'ora, a falta commetida, e perseguidos eram, sem treguas, os que intentavam eximir-se ao serviço militar, ou fosse deixando de apresentar-se na epocha do alistamento, ou fosse desertando, depois de encorporados nas fileiras.

Dos já citados relatorios dos serviços de recrutamento consta que, em cada um dos annos de 1920 e 1921, de 80.000 mancebos recenseados, 20.000 deixaram de comparecer na data propria, não chegando a 60, isto é, menos de 3 por cada mil, os refractarios capturados porque: «é quasi inutil pedir a sua prisão ás auctoridades administrativas, *que receiam fazel-a, quer pelas inimizades que acarretam, quer pela pouca força de que dispõem*».

A cifra, por que hoje se traduz nas estatísticas criminaes do exercito, o numero de desertores, muitos tendo-o sido em tempo de guerra, é de apavorar, attingindo proporções que, em epochas passadas, nem se julgariam possiveis.

Quando um e outro dos delictos, a que vimos de alludir, importiam — não apenas aconselhariam — severas medidas atinentes a eliminarem taes symptomas de degradação, o que, pelo contrario, se tem observado é a promulgação, a despropósito de tudo, de revoltantes amnistias politicas, mal pensadas e peor redigidas, abrindo as *largas portas* dos quartéis — para serem recebidos como militares, de exemplar comportamento — a elementos de ruim especie, que para as casernas veem, naturalmente, fazer propaganda dos benemerentes processos que — sem correctivo — os isentou, até, de... correrem os perigos da guerra.

Juntem-se ás circumstancias enumeradas: o reflexo, impossivel de evitar, das doutrinas sociaes que a guerra universalmente veiu despertar; os efeitos do pernicioso exemplo que as classes menos cultas colhem nos desregramentos das altas espheras da vida nacional; recorde-se, por ultimo, que já estão a entrar nas fileiras productos da nova educação civica, que a mudança de regimen implantou em Portugal, e ter-se-ha, em negras mas purissimas côres, o quadro dando nota do que, moralmente, vale a massa do organismo a quem está confiada a nobre missão das armas.

* * *

Sendo principio assente — em varios aphorismos enunciado — que, na classificação dos exercitos, prepondera o conceito attribuivel aos seus quadros, verifiquemos se tal consente atenuar os rigores, com que, até ao presente, temos tido de sentenciar.

Em duas unicas cathogorias se repartiam, antigamente, os officiaes do nosso exercito: os habilitados com os cursos da Escola e, em algumas armas e serviços, os provindos da classe dos sargentos, estes, em excassa proporção, e estando, *praticamente*, limitada a sua permanencia nos quadros activos, das armas de cavallaria e de infantaria, ao posto de capitão, pois raros se submetiam ás contingencias, ou venciam, as provas exigiveis para ascender-se a official superior.

Creou—e bem—a organização de 1911 a classe de officiaes milicianos, prescrevendo as condições do seu recrutamento e accesso, em conformidade com o destino que se lhes presuppoz, determinando-se que, só até lhes pertencer a promoção a major, poderiam fazer parte das tropas activas.

Surgindo a guerra, e faltando, sem conta, officiaes para mobilisar duas das oito divisões existentes no papel, estabeleceram-se, na Escola Militar, uns cursos extremamente reduzidos, dando, porem, todas as vantagens dos normaes; consentiram-se as mais latas dispensas para facilitar a promoção dos sargentos a officiaes, sem qualquer cerceamento de prerogativas; montaram-se verdadeiras fabricas de officiaes milicianos, onde se ministraram cursos, reproduzindo os organicamente estatuidos, só em acanhada escala, mas conferindo não menores direitos.

Finda a guerra, publicou-se a respeito dos officiaes milicianos, que n'ella houvessem tomado parte, em determinadas condições, um decreto inconstitucional, concedendo-lhes *todas as regalias e vantagens* dos officiaes dos quadros permanentes, decreto do qual se cumpriu, escrupulosamente, quanto traduziu beneficios, só tendo ficado letra morta, porque, naturalmente, com esse designio se

escreveu, um artigo creando a obrigação da frequencia d'uns cursos de aperfeiçoamento; que, de resto, só mal supririam os — em regra — deficientissimos conhecimentos technicos dos instruendos.

E, como se tanto fosse pouco, em escravidão á politica, cuja influencia na publicação do alludido diploma não poudé mascarar-se, alargaram-se, escandalosamente, os seus dizeres a milicianos que nunca sahiram de Portugal, mas que invocaram, como direito a recompensa de tanta monta os seus serviços e a importantissima instrucção colhida nas operações travadas em periodos insurreccionaes.

A investigação da bagagem scientifica de alguns individuos hoje idoneos, nos termos d'esse decreto, para virem a exercer as mais espinhosas comissões podendo incumbir a officiaes de engenharia ou de artilharia a pé, collocando-os em perfeita paridade com os que tiveram de consumir mais de uma dezena de annos para alcançarem esses cursos, levaria a inacreditaveis revelações, de que propositadamente nos abstermos, mas bastantes para documentarem o carinho com que, de ha annos, a incompetencia passou a ter em Portugal um fervoroso culto.

Alcançados os galões, iniciava-se a carreira dos officiaes por um proveitosissimo estagio na respectiva escola pratica, instituições que, na vida do exercito, desempenhavam papel tão útil, como despercebido é o que hoje realizam as suas succedaneas, diferentemente chrismadas.

A meio da carreira, e como salutar filtro retendo os que, por excessiva incompetencia, se assinalavam, eram os officiaes submettidos a provas de aptidão para o posto de major.

Aberto o periodo de guerra, que só justificaria maior rigor no depuramento, os exames, a que, ha muitas dezenas de annos, ninguém escapára, foram suspensos, medrando, á sombra dos politicos, que tal conseguiriam — admittamos — só para se pouparem a trabalhos, quantos que, se tal não fôra, não estariam onde presentemente se encontram, pouco dignificando, pelo seu saber, a colectividade em que se inscrevem.

Um roزاری de cursos e de meios de instrucção — aliás bem instituidos — proclamados indispensaveis para suprirem as antigas deficiencias do ensino pratico dos officiaes, não tem passado de um mytho e, para *clou*, estão em vigencia umas provas de aptidão para o generalato, tão intelligentemente orientadas que o candidato,

quando muito, demonstra, no anno de 1925, saber commandar uma divisão, tal como estas unidades eram constituídas em 1907, manobrando conforme regulamentos elaborados em data ainda mais remota!

A ninguém, n'esta altura da nossa pouco agradável, mas veridica, resenha de factos, restarão duvidas de que o nivel medio do valor profissional dos officiaes do nosso exercito se distancia, notavelmente, do que lhe era reconhecido e, saudosamente, tem de recordar-se.

Succederá differentemente quanto a outros predicaos, por que tambem se distinguíam, e que os cercava de uma justa consideração no meio social? Só obcecados o pensarão; aqueles que, não viciados pela politica, tem noção exacta da realidade, com acerto, pensam que o porte da farda deixou de ser um titulo nobre, desde que se entrou no caminho de, *como recompensa de actos exclusivamente politicos*, fazer brinde de estrellas ou de galões, dadiua a que, outr'ora, só em casos rarissimos se recorria, e para galardão de assignalados feitos de campanha.

Razão poderosa existe para a diversidade de tratamento, amargamente sentida por tantos que se desvaneciam com o seu uniforme, e que hoje evitam traja-lo, porque dos galões de officiaes ha portadores que só á custa de amnistias e da frouxidão da disciplina. se conservam no exercito, tendo-se tambem, feito profusa mercê da patente de official a individuos, que vegetando em baixas classes, de quando em quando surgem, inculcando-se, e sendo attendidos, como benemeritos revolucionarios, de data mais ou menos remota.

A promoção por escolha, cujo vasto cortejo de baixeiras Portugal já conhece por experiencia propria, dissociando a familia militar, com quebra da solidariedade, que tem de ser seu timbre, e pela qual outr'ora se impunha, enfileira entre as causas que, manifestamente, tem abatido o prestigio do exercito.

De um modo geral, a baixa politica, arrastando-o, por mão dos seus proceres, para um campo de lucta, d'onde tanto empenho deveria haver de isolal-o, tem sido, como pernicioso corrosivo da disciplina e fonte perenne de sizanias, o mais efficaz agente da funda depressão moral, a que chegou o nosso organismo militar, e que só baldadamente se pretenderá encobrir.

* * *

Prestes a attingirmos o limite traçado para este artigo, é chegado o momento de prevenirmos o reparo, possivelmente formulado pelo leitor, de havermos esquecido ser a guerra a melhor escola dos exercitos, e ter o nosso, ao lado ou defrontando-se com os melhores do mundo, tomado parte, em largas proporções, na mais ingente lucta que a historia da humanidade regista.

Não temos que nos penitenciar por semelhante lapso.

Acompanha-nos, sempre, uma piedosa veneração pela memoria dos que n'ella perderam a vida; do coração lamentamos os que, do Ultramar ou da Flandres regressaram com a saude para todo o sempre abalada; recordamos, com gratidão, o sacrificio — tão inutil — que, em nome da Patria, foi imposto a quantos, de verdade, soffreram as inclemencias da vida de campanha; nunca negamos as merecidas homenagens aos que, em terras estranhas, se houveram por modo a honrarem o exercito portuguez.

Importa, porém, a conjuncção d'estes sentimentos a crença de que a participação das tropas portuguezas no theatro europeu da guerra, onde principalmente operaram, tivesse effeitos salutaes, a ponto de neutralisarem ou prevalecerem sobre as determinantes, que a pontámos, do declinio moral, a que chegaram as nossas Instituições militares?

Concitou-nos ella, da parte de estranhos, reputação que aos nacionaes o exercito deixou de merecer?

Não; e porque assim o sentimos mais não é preciso para que abertamente o confessemos.

Se a bravura bastasse para dar fóros de excellencia a um exercito não ousariamos contestal-os; mas, não os alcança, hoje, uma tropa, a menos que, devidamente organisada, bem apercebida de material, solidamente instruida, e dispondo de quadros, á altura das suas funcções, se revele, em todos os lances de guerra, alem de intrepida no perigo, fortemente disciplinada.

Deixou o corpo expedicionario portuguez fama de todos esses dons?

A ninguem poderia ter passado despercebida a penuria dos nossos recursos; ficou lendaria a forma lapidar por que um alto vulto militar inglês, picarescamente, classificou a nossa organização; para muitos, não é segredo que horas amarissimas custou, ao nosso alto commando, o conseguir que não tivessem deprimente exteriori-

sação conceitos não mais benevelos, tendo por base outras precárias condições do C.E.P.

Não foi, portanto, com esquecimento de qualquer circunstancia, sob o imperio de um censuravel pessimismo, ou, sequer, dominados por um injustificavel desalento que, ao encetarmos este artigo, atribuímos ás nossas Instituições Militares, quer sob um, quer sob outro dos aspectos, por que nos propuzemos analisal-as, uma pouco auspiciosa quota de merito. Sobejamente teremos feito a prova de ser a que, com justiça, lhes cabe.

Para que tão desoladora situação não perdure, duas tarefas distinctas ha que emprehender: uma de *saneamento moral*, exigindo, apenas, quem, com intelligencia, lhe trace o plano, e, com pulso firme, bem a inicie; outra de *reconstituição material*, demandando torrentes de ouro, que não possuímos, e que, de resto, seria rematada loucura consumir-se com o existente.

Logicamente, está, pois, indicada a ordem por que devem succeder-se as operações a realisar; oxalá surja quem, ao patriótico objectivo da *rehabilitação do nosso exercito*, se vote, com ardor igual á tenacidade, por que tantos se teem distinguido no porfiado empenho de completamente aniquillar esse importante factor da vida nacional.

Como Revista que se propõe «organisar uma verdadeira mentalidade conservadora, do mesmo passo tradicionalista e progressiva, para oppôr doutrinas, ideas e factos á mortifera ideologia revolucionaria, que tem anarchisado a vida espirital do paiz e produzido devastações bem patentes» a *Portugalia*, por certo abrirá as suas paginas, e acolherá, jubilosamente, quantos, com auctoridade e saber, de que não somos dotados, queiram emitir alvitres propicios a tão alevantado ideal, pela certeza de que se hoje, como sempre, nas mãos do exercito tem de entregar-se a defeza do patrimonio nacional, nas horas lugubres, em que a cubiça de estranhos ameaça atingil-o, na actualidade, mais do que outr'ora, elle tem de merecer carinhos, como unico ponto de apoio para a reacção contra ambições sociaes, que, do mundo dos sonhos, desceram ao campo das realidades, e cujos rumores, embora bem longe tenham o seu mais activo foco, de modo bem apavorante, já se tem feito sentir em Portugal.

Agosto de 1925.

J. O.